

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Teologia da
Libertação na
visão franciscana**



Lição 20

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Teologia da
Libertação na
visão franciscana**



Lição 20

Petrópolis 2002

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFMCap, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFMCap, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU





Texto das Fontes

Como Francisco salvou a vida de um cordeiro

I. Introdução

II. Visão de Conjunto

III. Informação

1. Atualidade da Teologia da Libertação
 - 1.1. Experiências fundamentais
 - Fundo histórico
 - Nova postura política da Igreja
 - 1.2. Convicções básicas da Teologia da Libertação
 - Deus do lado dos pobres
 - A questão fundamental
 - A idéia do Reino de Deus
 - O engajamento profético
 - Libertação, um novo paradigma da teologia
 - 1.3. Exigências pastorais
 - 1.4. Os mártires
 - 1.5. Redescoberta da Igreja
 - 1.6. Teologia da Libertação sob condições alteradas
2. O movimento franciscano e a procura da libertação
 - 2.1. Francisco e Clara: símbolos de uma Igreja libertadora
 - Política e economia
 - Transformação da vida e do pensamento
 - Comunidade solidária com os pobres
 - Visão e prática de um mundo transformado
 - Criatividade e uso de meios pacíficos
 - 2.2. Desafios da Teologia da Libertação lançados ao movimento franciscano: novos modos de agir
 - 2.3. Conclusões

IV. Exercícios

V. Aplicações

VI. Bibliografia

VII. Legendas das Ilustrações





Como Francisco salvou a vida de um cordeiro

Num certo dia, um camponês dirigiu-se à cidade para levar um dos seus cordeiros ao matadouro. Francisco, que lhe veio ao encontro, sentiu logo que os dias do bichinho estavam contados.

Mas, como ele amava as ovelhas e cordeiros com um carinho todo especial, não queria conformar-se com a situação. Caminhos que levam à morte devem

ser interrompidos, pensava ele. Então ofereceu ao camponês, em troca pelo cordeiro, o manto que um homem rico acabou de dar-lhe de presente.

Reconhecendo a boa qualidade do manto, o camponês logo aceitou a oferta de bom grado, em troca do animal... E o cordeirinho, salvo por Francisco, continuava depois a gozar de uma vida longa e tranqüila.



(Analogia ao texto de Boaventura, Legenda Maior, VIII,6)



ma teologia da humanidade

A Teologia da Libertação nasceu na América Latina. Durante os anos 70 e 80, ela marcava profundamente a fisionomia das Igrejas deste continente, exercendo uma grande influência não somente no âmbito das Igrejas locais, mas também sobre a teologia do mundo inteiro. Hoje, a encontramos em diversas variantes nas Igrejas do Terceiro Mundo. Mais de uma vez, deu motivo para interpretações errôneas, levando, de um lado, a uma forte rejeição e, de outro lado, a um apoio incondicional.

A Teologia da Libertação não representa somente uma certa corrente teológica, distinta de outras correntes apenas por detalhes secundários. Ao contrário, ela tem a sua origem na vida e no trabalho de milhares de comunidades formadas por leigos, religiosos, teólogos e teólogas. Trata-se, de fato, da teologia de uma humanidade apaixonadamente engajada. A Teologia da Libertação não deixa as pessoas indiferentes e desinteressadas, porque questiona e critica. Nela se refletem uma postura de fé definida e uma prática política que leva à ação.

Como irmãos e irmãos franciscanos, temos que tomar conhecimento da Teologia da Libertação. Pois nela encontramos convicções e modos de proceder que correspondem a uma longa tradição franciscana.





Convicções fundamentais

Na primeira parte, trata-se das raízes históricas e de certas experiências fundamentais que levaram à Teologia da Libertação. Neste capítulo, portanto, reflete-se mais a fundo sobre as intuições básicas da Teologia da Libertação e sua contribuição à Teologia universal.

Em seguida, é enfocada a nova conjuntura na qual a Teologia da Libertação se encontra hoje, em consequência de circunstâncias modificadoras. A base da Igreja sofreu transformações e diversos grupos procuram desativar e esvaziar a Teologia da Libertação do seu conteúdo essencial.

Na segunda parte, trata-se da relação entre a Teologia da Libertação e o movimento franciscano. Na América Latina, São Francisco é considerado um símbolo eminente do movimento de libertação, pois algumas de suas intuições e atitudes são essenciais para a Teologia da Libertação.



Atualidade da Teologia da Libertação

1.

Experiências fundamentais

1.1.

• Fundo histórico

Na maioria dos países latino-americanos existiam, desde o século passado, relações regulamentares entre o Estado e a Igreja. As respectivas tarefas eram claramente determinadas e delimitadas entre si. Em muitas situações não era fácil distinguir entre a política eclesial e a política partidária em geral.

Além disso, havia tendências que se opunham à fé cristã. A liberdade do indivíduo foi fortemente reclamada, esquecendo-se da responsabilidade que cada pessoa humana tem pelos seus semelhantes, e da obrigação de engajar-se em prol de uma distribuição justa dos bens da terra (= "liberalismo"). Reinava ainda a convicção de que as leis e as circunstâncias sociais, assim como se apresentavam, eram imutáveis e deviam manter sua validade para sempre e eternamente. As pessoas não chegaram a perceber que leis e circunstâncias podem ser muito injustas, tendo, portanto, necessariamente que sofrer alterações (= "positivismo").

Geralmente, a Igreja representava uma força persistente na evolução da sociedade. Por isso, opunha-se, por princípio, aos grandes movimentos políticos independentistas que nasceram na Europa ou na América do Norte, atingindo também a América Latina.

Apesar do fato de que apelos que pediam independência política foram feitos frequentemente por religiosos e sacerdotes, em geral a Igreja continuava apoiando os direitos hereditários dos reis de Portugal e da Espanha, opondo-se a quaisquer movimentos de libertação.

Aquilo que J.B. Metz afirma no seu livro: *"Jenseits bürgerlicher Religion"* (= "Além da religião burguesa"), ao tratar da Europa, vale também para o Catolicismo na América Latina:

"Na nossa terra, o Catolicismo não somente não assumiu a história da conquista das liberdades da cidadania, mas continuamente se defendeu contra elas. As assim-chamadas 'épocas católicas' na história europeia dos tempos modernos, sempre coincidiam com 'épocas do contra', a saber, coincidindo com a contra-reforma, a contra-revolução, o contra-iluminismo, os tempos da restauração política e do romantismo" etc. (J.B. Metz).





“Exceções honrosas” foram rechaçadas pela Igreja, sendo consideradas vozes rebeldes e, portanto, perigosas para o sistema. Em todos os países da América Latina vigoravam os direitos patronais de Portugal e da Espanha. Em outras palavras, todos os negócios administrativos da Igreja estavam nas mãos da monarquia portuguesa ou espanhola. Isto era válido, tanto quando se tratava da nomeação de bispos e da fundação de paróquias, como para o salário a ser pago aos missionários e párocos.

O povo procurava libertar-se deste sistema rígido. Até os nossos dias, já surgiram muitos movimentos de libertação: revoltas de indígenas, escravos e camponeses, guerras de independência, rebeliões espontâneas por motivos os mais diversos, greves organizadas por trabalha-

dores ou estudantes e mesmo guerras civis que envolviam o continente inteiro, passando de um país para o outro. Mesmo assim, o direito patronal conseguiu sobreviver às guerras de independência, transmitindo-se aos novos detentores do poder e mantendo a sua validade até o nosso século.

Pela industrialização, que aconteceu durante e após a Segunda Guerra Mundial, a urbanização dos países latino-americanos desenvolveu-se num ritmo cada vez mais acelerado, sobretudo na Argentina, no Chile, no Brasil e no México. Isto teve consequências sociais imprevisíveis. Durante os anos sessenta, um clima político envolveu o continente inteiro que exigia a libertação de imposições militares e econômicas, comandadas do estrangeiro, o assim-chamado “imperialismo”. Exigiam-se reformas sociais radicais. Vale mencionar a revolução cubana, a guerrilha na Bolívia, como também a intervenção dos Esta-



dos Unidos na República Dominicana. Além disso, havia movimentos sindicais poderosos no Chile, no Brasil e ainda em alguns outros países. Uma significativa contribuição espiritual ao desejo de transformações foi dada pela “Teoria da Dependência” e pela visão de uma sociedade engajada em prol de justiça.

A Teoria da Dependência surgiu dos estudos de alguns peritos da Economia que se reuniram no Chile no início dos anos cinquenta. Sob a direção da Comissão Econômica para a América Latina (= CEPAL) e a mando da ONU, o grupo pesquisava a causa das dificuldades que travavam

o desenvolvimento econômico dos países do Terceiro Mundo. Chegaram à conclusão de que a miséria nos países pobres é causada, sobretudo, pela sua dependência dos ricos países industrializados.

A partir desta intuição, eles fizeram propostas que poderiam levar a uma solução do problema. Em seguida, porém, a Teoria de Dependência foi fortemente criticada. Alegava-se, entre outras coisas, que essa teoria ignorava as causas que existiam nestes mesmos países, como, por exemplo, o abuso do poder pela elite econômica, o esbanjamento e a corrupção, assim como a opressão e a violência, que lesavam os direitos humanos. A mesma Teoria também foi atacada porque se temia que a propagação do capitalismo ocidental seria impedida por tratados bilaterais entre os vários Estados. Apesar de críticas legítimas feitas à Teoria da Dependência, ela continua válida nas suas intuições essenciais.

A reação a esta evolução social e política surgiu nos anos sessenta e setenta em toda a América Latina, instigada por ditaduras ou golpes militares. Todas essas reações estavam marcadas, por sua vez, pela assim-chamada “Doutrina da Segurança Nacional”, que nasceu nos EUA do medo do comunismo e foi aplicada, sobretudo no Brasil, no Chile e na Argentina. Milhares de pessoas foram presas, torturadas, exiladas ou simplesmente “desapareceram”. A acusação feita a elas era sempre a mesma: “Perigo para o regime e para os valores cristãos”.

Os meios usados por estes regimes militares, para fortificar o seu poder, eram a abolição dos direitos constitucionais, a supressão e a censura da imprensa, o controle dos sindicatos, assim como a fiscalização ou eliminação dos partidos políticos. As ditaduras assumiram e propagaram o capitalismo, destruindo simultaneamente os direitos de cidadania.



O capital estrangeiro, prontamente concedido, possibilitava faraônicos projetos industriais, fazendo crescer, em consequência, enormes dívidas externas. Desta conjuntura aproveitavam-se os crediários do capital e a classe rica nos próprios países do Terceiro Mundo, enquanto a pobreza do povo aumentava no continente inteiro. Nos anos setenta, em consequência do aumento do preço de petróleo e dos altos lucros das empresas multinacionais, verdadeiras correntes de dólares inundavam os mercados financeiros internacionais.

A concessão facilmente acessível e vantajosa de créditos possibilitava e facilitava a realização de ambiciosos mega-projetos. As dívidas externas cresceram astronômicamente e a conseqüente obrigação de pagar enormes juros e reembolsar capitais aumentavam a miséria social, sendo co-responsáveis pelo abismo que se abriu no continente inteiro entre empobrecidos e ricos.

Nesta fase, o liberalismo econômico conseguiu impor-se, apoiado pela autoridade dos Estados ditatoriais. Muita força e rios de dinheiro foram necessários para garantir a “infra-estrutura”, a saber, a exploração dos jazigos de petróleo, a construção de estradas, companhias de navegação, centrais elétricas e empresas de telecomunicações, etc.

Hoje, a economia capitalista já não depende do apoio dos Estados. Pelo contrário, o Estado está sendo responsabilizado por todos os prejuízos causados pela economia. Para esta postura mental, que atualmente domina o mundo inteiro, a solução de todos os problemas consistiria numa retirada sistemática do Estado, deixando a economia entregue a si mesma. Exige-se que tudo deve ser deixado à iniciativa privada. Segundo dizem, isto iria resolver todos os problemas mais urgentes, a saber, o desemprego, a miséria material e espiritual, a falta de escolas e hospitais. “O mercado livre regula tudo automaticamente!” é o primeiro artigo de fé do capitalismo. Assume-se que exista algo como uma “mão

invisível”, que cuida do equilíbrio dentro do jogo livre de oferta e demanda.

O neoliberalismo, como é chamada essa corrente econômica, exige uma fé cega, pronta para acreditar que o mercado seja capaz de providenciar tudo que a humanidade necessita. Na realidade, porém, isto nunca aconteceu, nem mesmo nas épocas de maior florescência econômica. A privatização começou a proliferar sem restrições. Bens públicos foram vendidos por preços ridiculamente baixos a pessoas particulares, no próprio país ou no exte-



rior. Isto conduziu forçosamente à dependência dos mercados internacionais e suas flutuações. Sobretudo, cada vez mais pessoas se afundaram na ressaca do empobrecimento crescente. Atualmente, milhões vivem na margem das estradas, debaixo de pontes e viadutos ou nas favelas das metrópoles. O número dos desempregados e de crianças abandonadas aumenta sem cessar.

Para os representantes e defensores deste sistema econômico, porém, isto não é motivo para reexaminar o modelo. Segundo a opinião deles, a miséria social é causada pela falta de uma liberdade realmente absoluta e totalmente aberta da economia, porque ainda existem certas regras sociais. Insistem em declarar que o mercado livre ainda não é tão livre como devia ser!

Portanto, o neoliberalismo continua, seguro de si, a sua marcha triunfal pelo mundo afora, sem preocupar-se com a sorte de milhões de seres humanos excluídos da vida digna. Tampouco se preocupa com as consequências ecológicas do progresso econômico. Nos anos setenta, perdeu-se a oportunidade histórica para desenvolver um modelo econômico alternativo (cf. Lição 21).

• Uma nova postura política da Igreja

No fim dos anos cinquenta, surgiu em muitos países da América Latina o “Catolicismo social”, pois a Ação Católica e várias organizações da juventude atreveram-se a fazer resistência aos males sociais. O clamor, que pedia mudanças sociais, aumentou. Estes cristãos críticos desenvolveram novas formas de organização, entrando em novos setores da sociedade, propagando opiniões políticas libertadoras, lutando pelos direitos humanos. Em seguida, houve o Concílio Vaticano II e, em 1968, a Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (CELAM). Foi a partir destes eventos que surgiu a Teologia da Libertação. Logo, o papel político da Igreja mudou fundamentalmente nos vários países. Aquilo que os bispos tinham intuído em Medellín, foi confirmado em Puebla (1979). A partir desta época, as Igrejas começaram a denunciar com clareza profética a pobreza terrível e a marginalização que destruíam grande parte da população. Desde então, o anúncio da Boa-Nova está ligado à denúncia da injustiça sofrida pelo povo, sobretudo pela população rural e pelos trabalhadores. Por serem vítimas de injustas estruturas especiais, os indígenas, os afro-americanos e as mulheres ainda não foram enfocados de modo sistemático pela Teologia da Libertação.

A Teologia da Libertação investiga a pobreza e a miséria sob dois aspectos:

- Segundo *uma maneira meditativa, místico-teológica*, a pobreza é considerada uma injúria feita a Deus. A Teologia da Libertação surgiu a partir de uma certa experiência de Deus: a pobreza é comparada à servidão do Povo de Deus no Egito, onde Deus viu a miséria do povo e o conduziu à libertação (cf. Ex 2,23; 3,7-10).



Encontramos esse Deus libertador nos pobres e nos marginalizados. A situação deles resulta de um sistema injusto que é preciso denunciar, pois esse sistema vive da acumulação de riquezas nas mãos de uns poucos. A grande maioria não tem acesso aos bens deste mundo, sendo condenada a uma vida na maior carência e à margem da sociedade. Por este motivo e com coragem profética, os bispos em Medellín fizeram a sua **“opção pelos pobres”**, optando por aquele setor da humanidade que é excluído da prosperidade. Se Deus manifestou preferência por esta categoria de seres humanos, então a Igreja há de fazer o mesmo (cf. Lição 19).

Essa opção é:

- **preferencial**, a saber, na escala de valores e no comportamento da Igreja, os pobres merecem o primeiro lugar;
- **solidária**, ou seja, não bastam palavras bonitas, mas a Igreja tem que situar-se, pelo seu comportamento e pela sua ação, ao lado dos pobres;
- **não excludente**, pois ninguém deve sentir-se prejudicado, nem mesmo os ricos, com a condição que eles, por sua vez, se aproximem dos pobres e se convertam.

“Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (Puebla, 1134; cf. 1144, 711, 1165).

*** Os pobres não são considerados mera massa anônima, nem são simplesmente pessoas às quais a Igreja se dirige, ou até “objetos” dos quais ela se ocupa. Ao contrário, **os próprios pobres são membros integrantes da nova força evangelizadora e política**. São o novo sujeito da Igreja e da sociedade, pessoas humanas com sua própria capacidade e dignidade, com iniciativa e responsabilidade. Organizam-se para lutar pelos seus direitos e evangelizam, isto é, trazem a Boa-Nova de Cristo para dentro da Igreja. Somente quando a Igreja for mais pobre, mais simples e mais profética, ela corresponderá ao que Jesus espera e exige dela (cf. 1Cor 12, Medellín 2,9; 5,15; 10,2; 12,13; 14,7-10; Puebla 96; 485; 622; 629; 640; 1134; 1142; 1147; 1177; 1309; Santo Domingo 178ss; 296).

Convicções básicas da Teologia da libertação

1.2.

• Deus do lado dos pobres

A Teologia da Libertação está convencida de que a causa do povo pobre e oprimido é a causa de Deus. O empobrecimento injusto, a miséria que oprime uma grande parte da humanidade, não é algo que deve ocupar somente os políticos e os técnicos da economia. O direito dos pobres à vida tem a ver com a vontade criadora de Deus e a presença de Jesus Cristo no mundo. É o maior desafio que o Deus Libertador nos lança. Não se trata, porém,



de solucionar problemas para os pobres ou em nome deles. Antes, trata-se de, concretamente, fazer-se solidário com os desejos e as necessidades dos pobres e apoiar a sua esperança de libertação.

• A questão básica

Como é possível transmitir aos homens sofridos da América Latina que Deus os ama? Como é possível viver a fé num Deus da vida e da verdade, dentro de um contexto dominado pelas forças da morte? O que significa uma fé no Deus vivo, quando os pobres e os pequenos, segundo Jesus os preferidos de Deus, são excluídos ou mesmo mortos?

Esta era a questão básica que os primeiros teólogos da Libertação, tanto católicos como protestantes, se colocaram. Ela não perdeu a sua atualidade e, de fato, não ocupa somente os latino-americanos. O capitalismo conseguiu impor-se ao mundo inteiro; por isso, ele desafia os cristãos e a família franciscana em todos os recantos da terra. Pobreza, injustiça, problemas ecológicos e o diálogo intercultural (cf. Lição 14) são questões universais. Não é possível solucioná-las, a não ser por uma colaboração internacional.

• A idéia do Reino de Deus

É Deus quem salva. A sua ação libertadora ultrapassa a realidade terrestre. Ele, porém, liberta através de pessoas humanas e no contexto de nossa história terrestre. Esta é uma das convicções fundamentais da Teologia da Libertação. Por isso, a acusação que denuncia que a Teologia da Libertação se ocupa exclusivamente da realidade terrestre, como faz, p.ex., o Marxismo, deixando de lado o mistério do Reino de Deus, é totalmente infundada. De fato, esta alegação não faz jus à Teologia da Libertação, sendo unilateral e imbuída por um espírito de falta de responsabilidade pelo mundo.



Todos os atos históricos que fomentam a libertação apóiam e apressam a chegada do Reino de Deus, anunciado e fundado por Jesus. Nem todos, porém, se encontram no mesmo nível. O ato libertador de Deus os ultrapassa, tendo um conteúdo definitivo e universal. Esta intuição exige uma mudança no pensar teológico: a Teologia da Libertação leva a sério a responsabilidade dos cristãos pela transformação das condições injustas e desumanas.

• O compromisso profético

Sempre a Teologia da Libertação permanecerá uma teologia profética, a saber, sempre terá que denunciar a injustiça em nome de Deus. Os fatores que conduziram a seu surgimento continuam existindo. O número de pobres no mundo não diminuiu. Pelo contrário, ele cresce sem parar.

A acusação deste fato, por ser uma traição feita ao homem e ao Reino de Deus, continua sendo uma tarefa irrenunciável. Por isso, sempre haverá cristãos que vivem e compreendem a sua fé e sua experiência de Deus como um desafio para a libertação dos pobres. Portanto, não basta lamentar a diminuição de atenção dada a esse problema que, antes, representa uma infidelidade ao Evangelho.

• Libertação, o novo paradigma da Teologia

A Teologia da Libertação não consiste em um simples conceito teológico que trata apenas de alguns temas específicos. Ao contrário, ela pretende repensar e reformular o conjunto total da Teologia sob o prisma da libertação; a saber, a partir da posição dos oprimidos que procuram e lutam pela sua libertação.

Portanto, trata-se de uma libertação totalizante, incluindo os aspectos pessoais, emocionais, espirituais, assim como os políticos, econômicos, sociais e sexuais. Neste sentido, a Teologia da Libertação não é apenas diferente, mas única no meio das outras e diversas correntes teológicas. Ela é movida *“a partir de baixo, a partir do avesso da história”*, pelos que *“não são gente”* (G. Gutiérrez), ao lado de um povo oprimido e no decorrer de acontecimentos históricos.

A Teologia da Libertação submete toda e qualquer teologia a uma investigação crítica, quando essa fica presa a *“lugares comuns”*, sem confrontar-se com situações concretas da vida. Ela coloca todo mundo a pensar *“diante de um horizonte teológico diferente”* (L. Boff). Ela é *“uma nova maneira de fazer teologia”* (= um novo paradigma), um pensar crítico que versa sobre *“a prática libertadora à luz da fé”* (G. Gutiérrez).

O sujeito da Teologia da Libertação é o povo oprimido, *“os pobres”* na sua luta contra estruturas injustas de dominação. A libertação é um processo pelo qual os próprios pobres assumem a responsabilidade. São eles que projetam a maneira de proceder e lutam pelas transformações necessárias. Pobreza não consiste apenas na miséria econômica; mas - de acordo com o pensamento bíblico, - são considerados pobres todos os que se tornaram vítimas de injustiça, os explorados, excluídos, marginalizados, esquecidos, politicamente

oprimidos, doentes e abandonados... (cf. Lição 19). São pessoas que ficaram conscientes da sua própria pobreza e, portanto, seguindo o exemplo de Moisés, ousam iniciar a sua própria história libertadora, tanto pessoal como comunitária.

Não há dúvida de que entre os ricos também existem formas de pobreza, como p.ex. depressão, solidão, perda do sentido de vida, desesperança, incapacidade de relacionamento... Também essas pessoas são, de modo igual aos pobres, vítimas de mecanismos que geram pobreza e miséria. Por esse motivo, há necessidade de uma espiritualidade de resistência em toda parte, mas também de esperança que conta com as promessas do Deus libertador. Em toda parte onde pessoas humanas se unem na fé, para lutar pela sua própria libertação, solidarizando-se com outros seres oprimidos, ali acontece libertação.

Consequências pastorais

1.3

Em consequência do processo libertador, modificam-se as maneiras de acompanhamento espiritual, assim como a auto-compreensão da Igreja. Em toda parte, surgiram círculos bíblicos, comunidades eclesiais de base (= CEBs), agremiações de vizinhos e associações de trabalhadores rurais (= camponeses), pescadores, prostitutas, meninos de rua, moradores de favelas... Surgiu, igualmente, uma nova forma de presença missionária entre os indígenas (cf. Lição 18). Em toda parte, começou-se a refletir sobre as formas históricas e a herança colonial do Cristianismo, assim como sobre a maneira do anúncio feito às culturas latino-americanas. Não faltava autocrítica. Essa maneira de refletir continua ainda hoje nas discussões sobre a inculturação da fé nas diversas culturas, também dentro das várias nações ou Estados políticos (cf. Lição 17). A Teologia da Libertação procura o diálogo com as ciências sociais, fazendo surgir muitos Institutos de Pesquisa e de Estudos, assim como Casas de Formação. Centros já existentes receberam novos impulsos, oferecendo inúmeros cursos. Tudo era válido como tema: a sabedoria de Jó e as parábolas de Jesus sobre o Reino de Deus, o desemprego e a assistência sanitária, as eleições presidenciais e o avanço mundial do capitalismo.

“Comunhão” (= união comunitária) e “participação” eram palavras-chave. Isto levou a certas consequências práticas: em toda parte, surgiam novas formas de lideranças comunitárias, conselhos paroquiais, assembléias diocesanas ou grandes encontros de CEBs. Milhares de pessoas se reuniram. Todas eram incluídas nas iniciati-



vas, no planejamento, na execução e na avaliação crítica das atividades eclesiais. Sacerdotes e bispos já não são os únicos que mandam e que são responsáveis por todos e por tudo. Ao contrário, chegam a ser simples animadores e membros, fomentando o relacionamento entre as comunidades.

Procura-se o diálogo com as ciências sociais

As ciências sociais fomentaram a eficácia do processo transformador. Estudos sociológicos ajudaram os bispos latino-americanos a escrever documentos críticos, acompanhando os modelos econômicos em curso.

A Teologia da Libertação formou muitos leigos carismáticos e proféticos. No espírito de Medellín e Puebla, responsáveis por comunidades, movimentos, associações e sindicatos se uniram para agir de maneira crítica e eficaz na Igreja e na sociedade. Muitas dessas personalidades estão hoje à frente dos sindicatos mais significativos ou de partidos políticos, grupos ecológicos e organizações populares.

A contribuição da Igreja no processo de democratização da nossa sociedade foi muito significativa.



1.4. Os mártires

1.4.

O processo de transformações profundas exigiu também um alto preço. Muitos pagaram o seu engajamento com a própria vida. Celebramos a memória de nossas irmãs e nossos irmãos: centenas de mártires latino-americanos são lembradas nas nossas liturgias e celebrações eucarísticas. Eles continuam presentes no nosso caminho de fé.

Em cada dia do ano, o martirologio latino-americano invoca o nome de jovens, mulheres, homens, sacerdotes e bispos. Muitos entre eles eram membros da família franciscana e foram mortos por se terem solidarizado com a causa de Deus e do povo oprimido.



Sem exagero, podemos constatar: foi a Teologia da Libertação que colocou a Igreja latino-americana em marcha. Em muitas partes, levou a uma verdadeira redescoberta da Igreja, a um renascimento da Igreja. Tornou-se possível viver a fé e o engajamento cristão de outra maneira: ao lado dos pobres, contra a pobreza, solidário com aqueles que eram excluídos econômica e politicamente, unido aos desprezados. Sacerdotes e leigos, mas também bispos e cardeais foram a lugares onde a Igreja, até então, não estava ou raramente estava representada. Foi uma época de profunda criatividade e de coragem profética, de santidade política e crescimento espiritual.

Essa renovação desencadeou uma série de iniciativas: formas de inculturação (cf. Lição 17), do pensar e da presença entre indígenas, afro-americanos, mulheres e minorias. A Teologia da Libertação não se sensibilizou apenas por problemas sociais, também mostrou respeito por culturas indígenas, afro-americanas, feministas, pela religiosidade popular, por crenças cristãs e não-cristãs.

Desta maneira, surgiram as mais variadas correntes teológicas das raízes da Teologia da Libertação. Nasceu uma teologia indígena, uma teologia feminista, uma teologia bíblica e uma teologia que se ocupa do relacionamento entre a fé e a economia. Existe até uma teologia ecológica.



A Teologia da Libertação sob condições alteradas

1.6.

Desde o início, a Teologia da Libertação sofreu conflitos, oposições e perseguições que continuam ainda hoje na Igreja e mesmo dentro da Família franciscana. Não se pode negar que, de vez em quando, foram defendidas posições que eram insustentáveis ou que prejudicaram a fé.

Possivelmente, a própria Teologia da Libertação contribuiu para a simplificação indevida de relações complexas. Não é lícito dividir a sociedade inteira simplesmente em “opressores” e “oprimidos”. Também algumas formulações teológicas deveriam ter sido mais exa-





tas; outras vezes faltavam explicações mais profundas: *"A libertação social e política não deve, de maneira nenhuma, ofuscar o sentido definitivo e radical da libertação do pecado, porque essa é possível apenas através da absolvição e da graça de Deus"* (G. Gutiérrez).

Mas, nas discussões e disputas, a questão teológica raramente foi tratada como sendo um fator fundamental. Normalmente, os conflitos foram desencadeados por decisões políticas ou por certas correntes sociais. Os adversários da Teologia da Libertação insistiram no *"status quo"*, a saber, queriam manter a sociedade do jeito que estava. Tinham uma outra idéia a respeito daquilo que compete à Igreja fazer e daquilo que significa o carisma franciscano em meio a situações de profunda injustiça social.

Atualmente, o controle (político) voltou, na maioria dos casos, às mãos das classes conservadoras. Esse fato levou muitas pessoas e comunidades à decepção e ao desânimo. A maioria voltou a fomentar uma religiosidade privada, aceitando ou concordando com o capitalismo. A fé já não tem mais nada a dizer em questões sociais e políticas.

Neste mesmo sentido, orienta-se a política da nomeação de bispos e as eleições nas Conferências Episcopais, assim como os documentos emitidos pela Santa Sé. Isto vale também no contexto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (= CNBB), que - nos seus inícios - era conhecida no mundo inteiro por sua linha progressista. Atualmente, a Igreja emitiu um programa abrangente que coloca os acentos na conversão íntima e pessoal do indivíduo, enquanto que as condições sociais são relegadas ao segundo plano (= re-evangelização). Ela concede precedência ao âmbito da cultura e omite exigir mudanças sociais profundas.

Na vida cristã, a participação dos fiéis é reduzida ao culto litúrgico. Trata-se de realizar as celebrações e os encontros de oração de maneira mais viva, mais alegre, mais comunicativa. Propagam-se "valores cristãos". Sem dúvida, todas estas preocupações são válidas, porém, insuficientes para desencadear na vida da Igreja ou da sociedade uma autêntica *"Comunhão e Participação"*.

A tradicional opinião, de acordo com a qual somente o clero é o sujeito verdadeiro, continua vigorando. Outros aspectos da vida comunitária (= solidariedade política, superação de problemas econômicos, sociais, ecológicos, sexuais e específicos) são totalmente omitidos ou acabam recebendo apenas respostas unilaterais, senão sorrisos indulgentes.

Em muitas Igrejas e comunidades se nota o cansaço das antigas lideranças e dos cristãos “críticos”.

A suspeita e a perseguição sistemática da Teologia da Libertação influenciam a vida das comunidades e o comportamento dos bispos. Cristãos engajados estão decepcionados, porque as mudanças sociais tão esperadas não aconteceram. Nesta conjuntura, o colapso dos sistemas socialistas e a dúvida sobre a validade das utopias têm menos influência que o fato de que o Capitalismo se mostra mais resistente do que se pensava, continuando até a evoluir e espalhar-se.

Apesar de tudo isso, a Teologia da Libertação continua sendo a fonte mais significativa de inspiração para muitíssima gente. Comunidades, iniciativas, conselhos paroquiais, bispos, dioceses inteiras e muitos teólogos e teólogas individuais continuam seguindo os ditames da Teologia da Libertação.

Muitos cristãos e cristãs vêem uma íntima relação entre fé e engajamento político. De maneira aberta ou velada, ousam continuar o conflito com os detentores do poder e do dinheiro. O desejo de refletir teologicamente sobre estes problemas representa para muitos, inclusive muitos franciscanos e franciscanas, uma questão existencial.

É verdade que ficaram abalados por muitas coisas, como p.ex. pela caminhada conservadora empreendida pelas instâncias centrais da Igreja durante os últimos anos, pelo recuo do fervor espiritual em muitas comunidades, pelo fracasso de experiências socialistas na América Latina (= o fim da revolução em Nicarágua e o endurecimento do regime cubano), pelo fracasso irreparável dos regimes socialistas na Europa oriental, e, sobretudo, pelas mudanças das condições econômicas a nível mundial (cf. Lição 21). Tudo isso exige com urgência, que a Teologia da Libertação seja revalorizada e que volte a vigorar de maneira ainda mais decisiva. Em muitos países latino-americanos, já existe uma série de centros e associações que têm esse propósito.

As conseqüências também já se fazem sentir a nível mundial. Nós mesmos sentimos a necessidade de repensar a Teologia da Libertação, certamente de maneira autocrítica, mas sem esquecer seus objetivos autênticos e originais. O tema central continua sendo o Evangelho e a transformação da sociedade, assim como a fé e o engajamento com a causa dos pobres.

“Se alguma coisa sobrar desta época da América Latina e da Igreja, pela qual vale a pena que os homens continuem a engajar-se, então será seguramente a opção (pelos pobres), fonte de um amor nunca esgotado, eixo e pólo de uma nova evangelização do continente. Essa opção deveria servir também como fundamento de nossa espiritualidade, nosso seguimento de Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6)” (G. Gutiérrez).

“Os pobres desta terra, os pobres deste continente são os primeiros a sentir a necessidade urgente do Evangelho, de uma libertação radical e completa. Ofuscar isto equivale à tentativa de fraudar e decepcioná-los” (João Paulo II, carta de abril 1986, à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).





movimento franciscano e a procura da libertação

2.

Francisco e Clara: símbolos de uma Igreja libertadora

2.1.

Muitos anos atrás, Dom Helder Câmara declarou São Francisco o símbolo da Igreja libertadora e o padroeiro dos pobres. Portanto, não é de se admirar que, com frequência, foram irmãs e irmãos franciscanos que se identificaram com a prática libertadora e a reflexão sobre a libertação. Não somente na América Latina, mas também em outros continentes, franciscanos contribuíram para que se vivesse segundo os ditames e a procura dos objetivos da Teologia da Libertação. O carisma franciscano promove criatividade e participação consciente. Leonardo Boff já frisou que membros da Família franciscana não precisam fazer uma opção especial pelos pobres para viver de acordo com aquilo que a Teologia da Libertação proclama. Basta viver o carisma franciscano de maneira radical.



A Teologia da Libertação recebeu grandes impulsos de irmãs e irmãos franciscanos. Hauriram sua inspiração na vida e no pensar daqueles que viveram de acordo com a forma de vida escolhida por São Francisco e Santa Clara, comprometendo-se assim em favor dos pobres. Pode-se falar até de uma maneira especificamente franciscana de viver e realizar a Teologia da Libertação. Vale a pena lembrar que alguns dos representantes mais significativos da Teologia da Libertação eram ou são membros da Família franciscana, como p.ex. Leonardo Boff. Nas comunidades franciscanas, as irmãs e os irmãos conhecem bem as idéias da Teologia da libertação, colocando-os em prática de maneira ativa e engajada. A força da Teologia da Libertação não está nos livros, escritos por teólogos, mas antes na espiritualidade vivida diariamente por inúmeras pessoas e comunidades, tratando-se, sobretudo, das seguintes questões e problemas:

● Política e economia

Francisco viveu numa época quando a influência exercida na vida política e econômica estava ao alcance de muito poucos. Mas é possível sinalizar alguns exemplos que ele deu e que continuam relevantes ainda hoje:

Por exemplo, Francisco e seus companheiros se recusaram a assumir funções de destaque dentro da sociedade e do âmbito econômico. Pois, na Idade Média, com frequência, cidades-estados chamaram homens da Igreja para exercer a função de tesoureiros, secretários ou chefes de



departamentos, porque tinham a fama de serem bons administradores. Mas foi justamente isto que Francisco queria evitar categoricamente na sua comunidade (RegNB). Tudo que era capaz de induzir ao uso de dinheiro e a uma função de poder devia ser recusado desde o início.

Ao contrário, Francisco procurava inserir-se no trabalho das classes mais humildes, preferindo mendigar quando o justo salário lhe era negado. A sua resposta às necessidades mais fundamentais era a procura da fraternidade e não a procura do dinheiro inanimado e mortífero.

"E um manifesto ao outro, com confiança, as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva. E cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho" (RegNB 9,13).

No que toca o âmbito político, Francisco usava as possibilidades de exercer influência que lhe eram possíveis. Assim, escreveu *"a todos os podestás, cônsules, juizes e regentes no mundo inteiro"* (CtGov), recomendando-lhes uma ordem humana, submissa ao pensar e à presença de Deus e da Encarnação. Não seria possível imaginar uma profecia política mais abrangente do que a *"Carta as governantes dos povos"*, mas será necessário procurar entender essa linguagem que, hoje em dia, já não nos é acessível.

Em relação à Encarnação de Deus, simbolizada pela festa de Natal, Francisco deseja até conseguir leis em favor dos pobres e das criaturas: *"Se eu pudesse falar com o imperador, pediria que promulgasse esta lei geral: que todos que puderem joguem pelas ruas trigo e outros grãos, para que nesse dia tão solene tenham abundância até os passarinhos, e principalmente as irmãs cotovias"* (2Cel 200).

Portanto, Francisco converteu - tanto quanto lhe era possível - suas experiências de fé em ações políticas e sociais, antecipando desta maneira os fundamentos da atual Teologia da Libertação.



• Mudanças na vida e no modo de pensar

Em primeiro lugar, Francisco se sentiu fraternalmente irmanado com todos os seres vivos. Conhecia a angústia que oprime a tantos; e decidiu solidarizar-se com todos os seres humanos, mas, sobretudo, com aqueles que sofreram de marginalização.



“Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo” (Test 1; RegNB 9,3; cf. 1Cel 17; cf. também Lição 19).

Deste texto é possível tirar pelo menos três conclusões fundamentais:

- *** Francisco reconheceu ser chamado por Deus, isto é, a sua experiência de fé é abrangente, o horizonte de sua compreensão indivisível, repleto da presença amorosa de Deus. Francisco não é “apenas” um homem de fé, também não é profeta e ainda menos um reformador social, mas um poeta e um místico.
- *** A sua espiritualidade e sua mística não o separam dos homens, das suas dores e sofrimentos. Ao contrário, a sua simplicidade o faz capaz de ações solidárias (= misericórdia), que chegam a ser escandalosas comparadas com os modelos fornecidos pela sociedade do seu tempo.
- *** Essa experiência impulsiona a uma mudança do lugar social: “e abandonei o mundo”.

Francisco retirou-se do “mundo” burguês e, concomitantemente, do modo de pensar da burguesia de Assis, que almejava unicamente subir na vida. Afastou-se da lógica categórica das classes sociais, da cegueira que não quer tomar conhecimento da miséria social, do poder e da riqueza, da acumulação dos bens materiais e da inclinação para a violência. Francisco e Clara iniciaram uma vida nova. Cheios de alegria, empreenderam coisas que, na lógica do “mundo” que acabaram de abandonar, pareciam inúteis e insensatas.

• Comunidade fraterna com os pobres

“O pobre Francisco, pai dos pobres, queria viver em tudo como um pobre; sofria ao encontrar quem fosse mais pobre do que ele, não pelo desejo de uma glória vazia, mas por compaixão” (1Cel 76).

Para Francisco, não se tratava apenas de solidariedade com os pobres: ele queria viver para os pobres e com os pobres, queria igualar-se a eles e ser o irmão deles. O seu desejo ardente de seguir às pegadas de Jesus pobre, o conduziram de modo conseqüente e lógico aos pobres e leprosos. Deseja conviver com eles numa comunidade fraterna. Chega até a exigir de cada um dos seus irmãos que passasse o tempo do seu noviciado entre os leprosos. Para eles, isto significava uma verdadeira libertação, que lhes devolvia dignidade e auto-estima.

Desde as suas origens, o movimento franciscano não se entende como uma “associação de assistência social para pobres”, mas procura a libertação dos pobres, acreditando neles e aliando-se a eles.

• Visão e prática de um mundo transformado

Amante da paz e avesso a qualquer violência, Francisco empreendeu a tentativa de viver na sua fraternidade uma alternativa à ordem reinante. Na vida de Assis, duas classes sociais ditavam a vida da sociedade: os nobres (= “maiores”) e os burgueses enriquecidos da cidade, os assim chamados “minores”. Além disso, havia a grande massa dos pobres, que não tinham voz, nem tinham o que comer.

Oposto a essa ordem das coisas, Francisco colocou uma nova ordem: a fraternidade, vivida a partir do Evangelho (cf. Mc 10 e Mt 10), uma vida vivida em solidariedade conseqüente com os pobres, estando em nenhum lugar “em casa”, sempre a caminho e à margem da sociedade. Para Francisco, essa visão era tão decisiva que ele a interiorizou

até os menores detalhes, integrando-a na sua Regra (cf. RegNB 14 e RegB 16).

Francisco criou uma nova forma de vida, que corresponde à lógica do Reino de Deus. Esse Reino é conhecido sobretudo pelo anúncio da “Boa



Nova" feito aos pobres (cf. Lc 4,18; 7,22). Essa forma de vida é tão radicalmente diferente como as mudanças socio-políticas que o nosso tempo exige hoje em dia de nós.

Francisco exprimia a sua mudança de lugar social através da linguagem corporal e de símbolos. Tirando as roupas burguesas do corpo, devolveu-as ao seu pai, escolhendo o hábito dos eremitas. Mas depois de pouco tempo, abandonou até este hábito, contentando-se com um simples burel, semelhante a um saco, que já não permitia identificá-lo com nenhuma classe social. Abraçava mendigos e leprosos, cuidando deles, convidava ladrões à sua mesa. O beijo da acolhida e da paz era lhe um sinal de amizade e proximidade. Francisco não se contentava com um simples cumprimento da justiça, mas exigia uma solidariedade concreta e vivida.

• Criatividade e uso de meios pacíficos

Francisco e Clara confrontaram a injustiça do seu tempo com perspicácia e criatividade, sabedoria e coragem. Se estivessem vivendo entre nós hoje em dia, certamente iriam encorajar seus irmãos e irmãs, religiosos e leigos, a ousar o engajamento difícil e conflitivo em prol de transformações sócio-políticas.

A história do lobo de Gúbbio mostra-nos como Francisco costumava reagir a conflitos complicados. Vale notar que esse conflito tinha um caráter tanto pessoal como estrutural. Francisco demonstra que não é possível esconder ou suprimir um problema. Tampouco é possível resolvê-lo "de fora", como faria um observador desinteressado. Ao contrário, é preciso confrontá-lo, sem se deixar envolver pelos sentimentos. Também é preciso meter-se decididamente do lado dos seres mais indefesos e ameaçados.

Necessariamente, a nossa solidariedade com os pobres nos colocará em confronto com os "lobos" modernos, a saber, sistemas econômicos injustos de opressão, regimes políticos e governos autoritários, a polícia pronta ao confronto violento, o narcotráfico, os exércitos para-militares e neo-nazistas, grupos étnicos exacerbados que se confrontam, portanto, com todos as forças políticas e sociais que ameaçam a vida e oprimem a liberdade humana.

Não é possível garantir o espaço político, vital e necessário a cada indivíduo por meios violentos e agressivos. A agressão sempre tem um lado totalitário, pois surge do instinto de auto-conservação e auto-estima, manifestando-se através de relações familiares, sociais e eróticas, demonstrando com frequência atitudes destrutivas até contra objetos e a natureza. Existe também uma violência estrutural que se manifesta através de condições de trabalho desumanas, na agressão contra a mulher, na glorificação do poder, no âmbito da opressão emocional e psicológica, étnica, política e econômica etc. Em muitas regiões, situações de vida inaceitavelmente desumana são impostas às mulheres. São tão difíceis para resolver, porque acontecem escondidas, há muito tempo assimiladas e aceitas como costumes e hábito da vida diária e na tradição cultural. Desvendar e transformar esses costumes injustos são uma tarefa política e franciscana. En-

tretanto, as mulheres da América Latina estão desenvolvendo a sua própria Teologia da Libertação.

Desafios da Teologia da libertação lançados ao movimento franciscano; novas maneira de agir

2.2.

A Teologia da Libertação reconheceu a necessidade de procurar novos campos e formas de ação libertadora, porém, sem perder de vista a opção pelos pobres. Na verdade, sindicatos e partidos perderam muito da sua influência; em compensação, novos grupos de ação ganharam em pujança política e significação social, sobretudo movimentos ecológicos, feministas, populares e dos Sem-Terra, movimentos de minorias étnicas e de indígenas, o movimento internacional de paz, Anistia Internacional, Greenpeace, Organizações Não-governamentais (= ONG), religiosos, movimentos eclesiais (= Pastoral dos Direitos Humanos, Meninos de Rua, Pastoral da mulher, dos trabalhadores rurais, Justiça e Paz).

Esses movimentos são bem estruturados e desenvolvem eficazes métodos de trabalho no âmbito das relações públicas e dos meios de comunicação. Assim, dão uma contribuição importante para a reorientação da vida política. A menos que seus interesses não estejam concentrados especificamente em determinados grupos ou associações, eles são capazes de unir-se, visando a realização de objetivos sociais de grande importância. Muitos homens e mulheres do movimento franciscano, que se identificam com a Teologia da Libertação, têm encontrado condições significativas de trabalho nestes agrupamentos e movimentos.

Estas organizações se opõem à indiferença e ao desinteresse da sociedade em geral, criando uma nova cultura política. Uma vez que esses movimentos de pessoas politicamente ativas (p.ex. líderes de movimentos populares e ecológicos, artistas, músicos, intelectuais e outras pessoas das mais diversas camadas sociais) se unem, surge uma nova força comunitária, apoiada por representantes dos mais variados campos da ciência, profissões e confissões religiosas. Novos setores de trabalho e de ação política se abrem também por aquelas pessoas que se orientam segundo o carisma franciscano:

“Os novos movimentos sociais exercem uma crítica radical frente ao poder político e à manipulação e corrupção existentes nesse poder. O alvo definitivo de movimentos sociais não é a tomada do poder, mas a criação de uma nova força política, um poder que surge de baixo, a partir da base... As alternativas que nascem a partir da nova sociedade civil não são alternativas globais a curto prazo à economia do mercado livre... Portanto, não se trata de uma alternativa ao mercado em si, mas da criação de uma lógica alternativa do mercado” (P. Richard).

Para transformar em ação a inspiração que nasceu da fé, não são necessários instrumentos especiais. Antes, convém utilizar os canais políticos já existentes e disponíveis. Evidente-



mente diferem de país em país. No sistema democrático, existem para este fim, partidos políticos, meios de comunicação social, movimentos populares, entidades para a defesa dos Direitos Humanos, as ONGs, a ONU e outras organizações internacionais.

“O apelo a ‘pensar globalmente e agir localmente’ significa para nós um desafio lançado à nossa tentativa de construir um mundo novo... Durante o encontro no Rio de Janeiro (= a Cúpula Ecológica de junho 1992), fiquei consciente do enorme potencial, mas também dos grandes déficits de nossa Família franciscana, quando se trata de marcar uma presença significativa no coração do nosso mundo...”

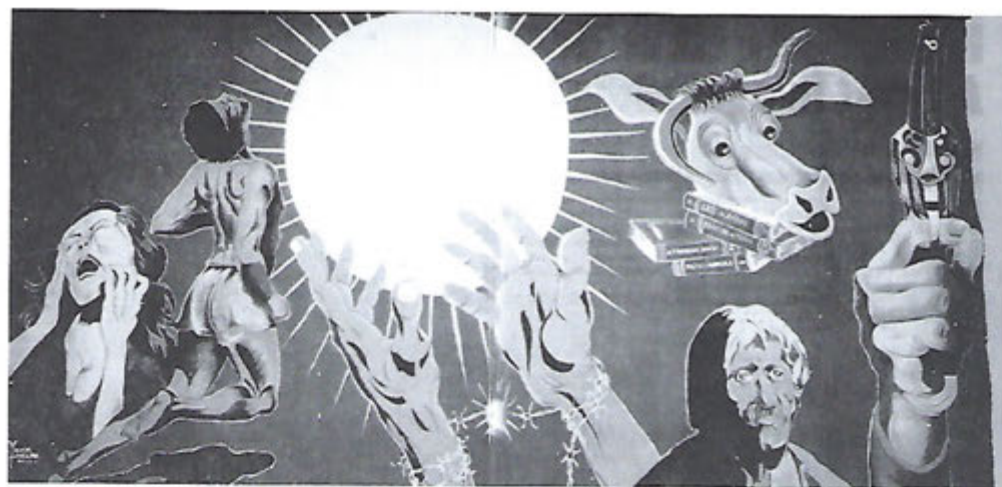
A nossa colaboração com a Organização das Nações Unidas segue também uma lógica prática, porque nos apresenta a oportunidade de unir-nos a outras pessoas de boa vontade, para tentarmos eliminar injustiças e sofrimentos no mundo. Devemos empreender em comum aquilo que uma pessoa sozinha ou um único ramo da nossa Família não é capaz de fazer” (Hermann Schalück, diante da Assembléia Geral da ONU em Nova York, 27 de outubro de 1993).

Seria um grave pecado de omissão, se não usássemos de maneira inteligente e organizada a influência política que o movimento franciscano internacional tem condições de exercer, para conseguir objetivos concretos e realizáveis.

Esta convicção marca também as Constituições Gerais da Ordem dos Frades Menores: *“Uma grande parte da humanidade continua vivendo na miséria, na injustiça e na opressão. Por isso, os irmãos devem engajar-se, junto com todas as pessoas de boa vontade, para a renovação da sociedade no sentido da justiça, liberdade e paz no Cristo ressuscitado. Precisam repensar as causas das circunstâncias específicas e, em consequência, participar em empreendimentos que visam o amor, a justiça e a solidariedade internacional”* (Art. 96, §2).

Para que uma ação política não seja estéril, mas leve a um agir político comunitário e à colaboração com outros organismos sociais, as seguintes condições prévias não podem faltar:

- ☞ um profundo sentimento franciscano e místico;
- ☞ conhecimento dos textos franciscanos mais significativos;
- ☞ motivação e preparação pessoal;
- ☞ conhecimento suficiente da evolução histórica e econômica da sociedade;
- ☞ conhecimento dos grupos concorrentes, assim como dos conflitos e interesses que há entre eles;
- ☞ alianças com várias organizações;
- ☞ construção de redes relacionais com pessoas e grupos dos mais diversos países e camadas sociais;
- ☞ agilidade e capacidade comunicativa a nível intercultural e internacional.



Destas premissas podem ser deduzidos certos modos de agir e perspectivas de ação:

- *** Recuo de sistemas que são criadores de pobreza;
- *** aproximação aos pobres, conforme o exemplo dado por Francisco e Clara;
- *** inserção em meios populares como companheiro na caminhada, solidário com o povo, partilhando a fé, os símbolos, a religiosidade, a esperança de libertação;
- *** colaboração com movimentos populares, para contribuir com nossa fé e nosso carisma.
- *** redescoberta de valores que orientam a vida;
- *** recusa ao consumismo profuso;
- *** compromisso para salvaguardar a integridade da natureza;
- *** desenvolvimento de uma espiritualidade da criação.

Conclusões

2.3.

Graças à Teologia da Libertação e seus compromissos com a causa de Deus e dos pobres, graças a seus mártires, profetas e poetas, e graças aos membros da Família franciscana, somos capazes hoje em dia de ver o Cristianismo com outros olhos. Entretanto, sempre continua existindo o perigo para a Igreja e os irmãos e irmãs franciscanos de perder de vista a realidade dos pobres.

Estamos conscientes de que o século XXI vai precisar de pessoas e modelos religiosos, compenetrados por uma profunda e sadia espiritualidade, pessoas capazes de unir a santidade da vida com a santidade política, pessoas cuja fé cresceu na luta contra todas as formas de desumanização. Que a atitude delas seja transparente e que sejam portadoras de esperança. Pessoas assim, que nos recordem Francisco e Clara, podem servir-nos como exemplos que estimulam a nossa ação. Representam uma força significativa e de resistên-



cia numa sociedade que parece ter perdido o senso da solidariedade e dos valores humanos mais profundos.

Como filhas e filhos de Clara e Francisco, não podemos perder de vista a Igreja universal. Trata-se de reunir toda a humanidade em volta da mesa no Reino de Deus.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Ex 1-3; 2,23; 3,7-10; Mt 5,1-12; Mc 10; Lc 4,16-30; 7,22; 1Cor 12
Documentos da Igreja	Puebla 96; 485; 622; 629-640; 711; 1134; 1142; 1144; 1147; 1165; 1177; 1309 Medellín 2,9; 5,15; 10,2; 12,13; 14,7-10 Santo Domingo 178ss; 296 João Paulo II: carta de abril 1986 à CNBB; palestra em Santa Cecilia, México 1979
Fontes	2CtFi 75-85; 1CtCust e 2CtCust; RegNB 7,1; 9,3.10ss; 14;16; LegCl 14; Test 2,3;22; TestCl 1ss; 1Cel 17; 76; 2Cel 73; 84ss; 87; 200; 1CtIn 4; 4CtIn 15-24; RegCl VI,3; Coleção de Perúgia 14; Fior 21; LM VIII,6
Documentos interfranciscanos	Palestra do Secretário Geral OFM, Hermann Schalück, na ONU em Nova York, 27.10.1993; Constituições Gerais dos Frades Menores, Art. 96, §2
OFM - OFMCap - OFMConv	-
OSC (Clarissas)	-
OSF (TOR)	-
OFS	-
Suplementos *	-

* Anotação: As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.



Exercícios

IV.

Exercício

1.

Leia o trecho da Bíblia sobre a opressão sofrida pelo povo no Egito e a vocação de Moisés (Ex 1-3), Lc 4,16-30 e Mt 5,1-12.

Perguntas:

1. Quais são os compromissos a deduzir destes textos bíblicos, para engajar-nos em favor dos pobres e contra a injustiça?
2. O que fizemos até agora? O que falta fazer?



Exercício

2.

1º passo: contemplar a realidade que nos cerca.

Perguntas:

1. Quais são as situações de sofrimento e injustiça que você conhece pessoalmente?
2. Quais são os conflitos que existem no seu contexto e no seu lugar de trabalho?

2º passo: A lenda do lobo de Gúbio

“No tempo em que S. Francisco morava na cidade de Gúbio, apareceu no condado de Gúbio um lobo grandíssimo, terrível e feroz, que não somente devorava os animais como os homens, de modo que todos os cidadãos estavam tomados de grande medo, porque





freqüentes vezes ele se aproximava da cidade; e todos andavam armados quando saíam da cidade, como se fossem para um combate; contudo quem sozinho o encontrasse, não se poderia defender. E o medo desse lobo chegou a tanto que ninguém tinha coragem de sair da cidade. Pelo que S. Francisco, tendo compaixão dos homens do lugar, quis sair ao encontro do lobo, se bem que os cidadãos de todo não o aconselhassem: e fazendo o sinal da santa cruz, saiu da cidade com os seus companheiros, pondo toda a sua confiança em Deus. E temendo os outros ir mais longe, S. Francisco tomou o caminho que levava ao lugar onde estava o lobo. E eis que, vendo muitos cidadãos, os quais tinham vindo para ver aquele milagre, o dito lobo foi ao encontro de S. Francisco com a boca aberta; e chegando-se a ele, S. Francisco fez o sinal da cruz e o chamou a si, e disse-lhe assim: 'Vem cá, irmão lobo, ordeno-te

da parte de Cristo que não faças mal nem a mim nem a ninguém.' Coisa admirável! Imediatamente após S. Francisco ter feito a cruz, o lobo terrível fechou a boca e cessou de correr; e dada a ordem, vem mansamente como um cordeiro e se lança aos pés de S. Francisco como morto. Então S. Francisco lhe falou assim: 'Irmão lobo, tu fazes muitos danos nesta terra, e grandes malefícios, destruindo e matando as criaturas de Deus sem sua licença; e não somente mataste e devoraste os animais, mas tiveste o ânimo de matar os homens feitos à imagem de Deus; pela qual coisa, és digno da força, como ladrão e homicida péssimo: e toda a gente grita e murmura contra ti, e toda esta terra te é inimiga. Mas eu quero, irmão lobo, fazer a paz entre ti e eles; de modo que tu não mais os ofendas, e nem homens nem cães te perseguirão mais.' Ditas estas palavras, o lobo, com o movimento do corpo e da cauda e das orelhas e com inclinação de cabeça, mostrava de aceitar o que S. Francisco dizia e de o querer observar. Então S. Francisco disse: 'Irmão lobo, desde que é de teu agrado fazer e conservar a paz, prometo dar-te continuamente o alimento enquanto viveres, pelos homens desta terra, para que não sofras fome; porque sei bem que pela fome é que fizeste tanto mal. Mas, por te conceder esta grande graça, quero, irmão lobo, que me prometas não lesar mais a nenhum homem, nem a nenhum animal; prometes-me isto?' E o lobo, inclinando a cabeça, fez evidente sinal de que o prometia. E S. Francisco disse: 'Irmão lobo, quero que me dês prova desta promessa, a fim de que possa bem confiar.' E estendendo S. Francisco a mão para receber o juramento, o lobo levantou o pé direito da frente, e domesticamente o pôs sobre a mão de S. Francisco, dando-lhe o

sinal como podia. E então disse S. Francisco: 'Irmão lobo, eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que venhas agora comigo sem dúvida de nada, e vamos concluir esta paz em nome de Deus.' E o lobo obediente foi com ele, a modo de um cordeiro manso" (Fioretti 21).

Perguntas:

1. Qual é o conteúdo do texto?
Quem aparece na história?
O que acontece entre as várias personagens?
Como seria possível descrever a realidade que produziu esse texto?
2. Quais são os sentimentos que as personagens demonstram?
Por quê?
Trata-se de que tipo de conflitos e interesses?
Por que esses conflitos e interesses aparecem?
3. Qual é o modo de proceder de Francisco?
O que é que ele disse?
Qual é a atitude que ele assume diante dos vários protagonistas?
Como é o relacionamento entre Francisco e os cidadãos de Gúbio?
Qual o seu relacionamento com o lobo?

3º passo: Interpretação do texto para hoje:

Perguntas:

1. Qual é o sentido do texto para nós, hoje?
2. Qual é a nossa atitude frente aos responsáveis e às vítimas dos conflitos?
3. Qual é a nossa contribuição para a solução de situações conflitivas na nossa sociedade?





Exercício

3.

O texto seguinte é uma tentativa de atualização da carta de S. Francisco aos governantes dos povos, na nossa situação atual:

A todos que mantêm o poder neste vasto mundo, aos reis e presidentes dos povos, aos chanceleres e ministros, aos parlamentares e conselheiros administrativos e a todos que leem essa carta, Frei Francisco, vosso servo pequeno e insignificante, deseja Paz e Bem. Há algo que os senhores precisam incluir na sua perspectiva política: a certeza de que a morte, com certeza, chegará a nós todos.

Por isso, peço-lhes com todo respeito, do qual sou capaz, não se esqueçam de Deus quando atuam politicamente. Deixem-se conduzir pelos mandamentos de Deus quando organizam o mundo.

Porque todos que contribuem para que Deus seja esquecido e que desprezam os seus mandamentos serão esquecidos por Deus.

E no momento da morte, tudo retomarà ao nada, mesmo aquilo que se pensava segurar nas mãos.

E quanto mais saber e poder alguém acumular e usar contra outros, tanto mais sofrerá no inferno.

Por isso, meus senhores, dou-lhes o conselho:

O princípio da ação política é palpável no símbolo do pão e do vinho, na lembrança do santo corpo e sangue de Jesus, ao receber o amor que se entregou no presépio, onde Deus se colocou do lado dos pobres e fracos, no comportamento que desiste de exercer poder e dominação.

É isto o que deveriam valorizar na vida pública, através de sinais que possam ser vistos e ouvidos, através de leis e normas, estruturas e instituições, funcionários e organismos.

A sua intenção deveria ser: promulgar o reconhecimento público do amor de Deus e sua dedicação aos homens.

Ele seja glorificado, não somente individualmente, mas pelo povo inteiro. Porque somente ao olhar para ele, podemos viver de maneira realmente humana.

Se não fizerem isto, terão que prestar contas diante do tribunal de Deus.

Quem guardar e observar esta carta, saiba que está abençoado por Deus.

(Atualização por A. Rotzetter)

Tarefa:

Escreva uma carta semelhante aos políticos responsáveis pelo seu país.





Aplicação

1.

No ano 1979, ao visitar o bairro Santa Cecília, na cidade do México, o Papa João Paulo II assumiu pessoalmente as preocupações centrais da Teologia da Libertação:

"Com grande alegria, desejei participar deste encontro, porque me sinto unido solidariamente a vocês, e porque vocês, sendo pobres, merecem a minha vigilância especial. A causa disso é a seguinte: O Papa ama vocês porque representam os prediletos de Deus. Quando Ele constituiu a sua família, ou seja, a Igreja, visava sobretudo os pobres e necessitados. Para a redenção deles, enviou o seu Filho, que nasceu pobre e viveu no meio de pobres, afim de enriquecê-los com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)" (Palestra em Santa Cecília, AAS, LXXI, p.220)

Perguntas:

1. Em que sentido, esse texto contém as preocupações fundamentais da Teologia da Libertação?
2. Qual é a relação que o Papa coloca entre a Igreja e a humanidade?
3. Qual é a relação existente entre salvação e bem-estar humano?



Aplicação

2.

Em dez frases, faça um resumo das intuições fundamentais da Teologia da Libertação.

Perguntas:

1. Até que ponto você reconhece aí a sua vocação franciscana?
2. Como seria possível reagir, no espírito de S. Francisco, contra o desânimo e a depressão dos pobres?



Em português:

Boff, L.

- Jesus Cristo Libertador, Petrópolis, Vozes, 1975.
- São Francisco de Assis: Ternura e Vigor, Petrópolis, Vozes-Cefepal, 1981.
- Teologia do Cativo e da Libertação, Petrópolis, Vozes, 1980.
- Igreja: Carisma e poder, Petrópolis, Vozes, 1981.
- E a Igreja se fez povo: Ecclesiogênese, Petrópolis, Vozes, 1986.
- A Trindade, a Sociedade e a Libertação, Petrópolis, Vozes, 1986.

Boff, C.

- Teologia Pé-no-chão, Petrópolis, Vozes, 1993 (3ª Ed.).
- Teologia Prática, Petrópolis, Vozes, 1993 (3ª Ed.).

Boff, L./Bühlmann, W.

Os franciscanos ante os desafios do terceiro mundo (Mattli 1982). Petrópolis 1983

Boff, L./ Boff, C.

Como fazer Teologia da Libertação, Petrópolis, Vozes, 1980.

Comblin, J.

Teologia da Libertação, Teologia neoconservadora e Teologia Liberal, Petrópolis, Vozes, 1985.

Galilea, S.

Teologia da Libertação. Ensaio de síntese, São Paulo, Paulinas, 1978.

Libânio, J. B.

Teologia da Libertação. Roteiro didático para um estudo, São Paulo, Loyola, 1987.

Libânio, J. B./Antoniuzzi, A.

Vinte anos de Teologia na América Latina e no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1994.

Segundo, J. L.

Libertação da Teologia, São Paulo, Loyola, 1978.

Tornucci, P. M.

O que é Teologia da Libertação, Petrópolis, Vozes, 1984.

Em alemão e outras línguas:

Arns, P.E. (Cardeal arcebispo de São Paulo)

Kardinal der Ausgebeuteten (Olten 1987)

Assmann, H./Hinkelammert, F.

Götze Markt (Düsseldorf 1992)

Bartsch, H.-W.

Chile, ein Schwarzbuch (Colônia 1974)

Boff, C.

Theologie und Praxis. Die erkenntnistheoretischen Grundlagen der Theologie der Befreiung (Munique 1983)

Boff, C./Boff, L.

Wie treibt man Theologie der Befreiung? (Düsseldorf 1986)

Boff, L.

- Ekklesiogenesis. Die Neuentdeckung der Kirche. Basisgemeinden in Lateinamerika (Mogúncia 1980)
- Aus dem Tal der Tränen ins Gelobte Land. Der Weg der Kirche mit den Unterdrückten (Düsseldorf 1982)
- Theologie hört aufs Volk (Düsseldorf 1983)
- Zärtlichkeit und Kraft. Franz von Assisi mit den Augen der Armen gesehen (Düsseldorf 1983)
- Kirche: Charisma und Macht (Düsseldorf 1985)
- Jesus Christus, der Befreier (Friburgo 1986)
- Und die Kirche ist Volk geworden (Düsseldorf 1987)
- Die befreiende Botschaft. Das Evangelium von Ostern (Friburgo 1987)

Bonnin, E. (edit)

Spiritualität und Befreiung in Lateinamerika (Würzburg 1985)

Câmara, H. (Arcebispo de Recife)

Gott lebt in den Armen (Olten 1986)

Cardenal, E.

Das Evangelium der Bauern von Solentiname (Wuppertal 1980)

Comblin, J.

Die Basisgemeinden als Ort neuer Erfahrungen: Concilium 11 (1975) 90-100 (este número inteiro trata da Teologia da Libertação)

Collet, G. (edit.)

Der Christus der Armen. Das Christuszeugnis der lateinamerikanischen Befreiungstheologie (Friburgo 1988)

Ellacuría, J./Sobrino, J. (edit)

Mysterium liberationis. Grundbegriffe der Theologie der Befreiung; vol.1 (Luzerna 1995) e vol.2 (Luzerna 1996)

Falleto, E./Cardoso, F.H.

Teoria da dependência (São Paulo 1967)

Fornet-Betancourt, R.

- Philosophie und Theologie der Befreiung (Frankfurt 1987)



- Befreiungstheologie: Kritischer Rückblick und Perspektiven für die Zukunft, 3 vols. (Mogúncia 1997)

Frank, A.G.

- Kapitalismus und Unterentwicklung in Lateinamerika (Frankfurt 1969)
- Dependent accumulation and underdevelopment (Londres 1978)

Goldstein, H.

- Brasilianische Christologie: Jesus, der Severino heisst (Mettingen 1982)
- (edit.) Tage zwischen Tod und Auferstehung. Geistliches Jahrbuch aus Lateinamerika (Düsseldorf 1984)

Greinacher, N. (edit.)

- Konflikte um die Theologie der Befreiung. Diskussion und Dokumentation (Zurique 1985)
- Leidenschaft für die Armen: Die Theologie der Befreiung (Munique 1990)

Gutiérrez, G.

- Theologie der Befreiung (Munique 1980)
- Die historische Macht der Armen (Munique 1984)
- Kleines Lexikon der Theologie der Befreiung (Düsseldorf 1991)

Hengsbach, F. (edit.)

Kirche und Befreiung (Aschaffenburg 1975)

Hypolito, A. (bispo)

Ohne Bekehrung geht es nicht: Publik-Forum 14 (1985), N° 11/12, p.XIII (*esse número duplo trata integralmente da discussão a respeito da Teologia de Libertação*)

Jacob von Voragine

Legenda aurea. Traduzido do latim por R. Benz (Heidelberg 1917, 10ª edição 1884)

Kirche in Europa und Lateinamerika

Ein Beitrag von Bischof Kamphaus zur Befreiungstheologie und ein Brief von Clodovis Boff: Herder Korrespondenz 39 (1985) pp.171-183

Lehmann, K.

Theologie der Befreiung (Einsiedeln 1977)

Lohfink, N./Lohfink, G.

Gott auf der Seite der Armen. Ein biblischer Beitrag zur Theologie der Befreiung (Friburgo 1985)

Lorscheider, A. (Cardeal arcebispo de Fortaleza e Aparecida do Norte)

Gemeinschaften ändern Amt und Lebensstil des Erzbischofs: Latinamerica Press, 27.06.1985

Lorscheider, A./Arns, P.E./Boff L. e C.

Befreiung und Theologie. Beiträge zur aktuellen Diskussion. Grüne Reihe, Caderno 27: Berichte, Dokumente, Kommentare. Edit.: Missionszentrale der Franziskaner (Bonn 1985)

Metz, J.B.

- Jenseits bürgerlicher Religion (Munique 1980)



- (edit.) Die Theologie der Befreiung (Düsseldorf 1986)

Mission aktuell

Illustrierte des Internationales Katholischen Missionswerkes N° 2 (Aachen, março/abril 1985) 4

Missionszentrale der Franziskaner

da série: Berichte - Dokumente - Kommentare:

- Caderno 5: Kirchliche Basisgemeinden, Ursprung und Entwicklung (Bonn 1980)
- Caderno 6: Kirchliche Basisgemeinden im Dialog (Bonn 1980)
- Caderno 14: Theologie der Befreiung. Eine kritische Wertung aus franziskanischer Sicht (1982)
- Caderno 27: Befreiung und Theologie (Bonn 1985)
- Caderno 31: Rom und die Befreiungstheologie (Bonn 1986)
- Caderno 32: Den Hungernden das Land. Die Kirche Brasiliens im Konflikt um die Landreform (Bonn 1986)
- Caderno 42: 1992 - Kein Grund zum Feiern. Die Kirche und die Eroberung des Kontinentes (Bonn 1989)
- Caderno 43: Ende einer Hoffnung (Bonn 1989)
- Caderno 44: Dein Wort ist Leben. Bibelmeditationen lateinamerikanischer Ordensleute (Bonn 1990)
- Caderno 45: 500 Jahre Indianer-Widerstand. Die Indios melden sich zu Wort (Bonn 1990)
- Caderno 57: Arbeiterpastoral. Gottes befreiende Botschaft (Bonn 1994)
- Caderno 62: Annäherung an die anderen. Befreiungstheologische Sommerschule (Bonn 1995)
- Caderno 66: Neoliberalismus, das neue Kreuz des Südens (Bonn 1996)

Müller, A.

Alles hat seine Zeit. Gedanken über Gott und die Welt (Bonn 1997)

Mwoleka, Ch. (bispo de Rulenge, Tanzania)

Christliche Gemeinschaften mit menschlichem Gesicht: Missions-Informationen 7-8/ 1977

Noggler, O.

Das Leben teilen: Franziskener unter Indianern; em: A.Camps/ G.W.Hunold: Erschafft mir ein neues Volk (Mettingen 1982) 106-118

Nell-Breuning, O. von (S.J.)

Marxismus, zu leicht genommen: Stimmen der Zeit 110 (1985) 87-91

Pieris, A.

Theologie der Befreiung in Asien (Friburgo 1986)

Pünder, G.

Das Volk Gottes ergreift die Initiative: Publik-Forum, N° 11/12, maio de 1985

Richard, P.



La Teología de la Liberación en el Nuevo Orden Internacional: Resistir por la Vida (San José 1993)

Romero, O.A. (Arcebispo de San Salvador)

- Für die Armen ermordet. Wie der Erzbischof von San Salvador das Evangelium verkündet hat (Friburgo 1982)
- Blutzuge für das Volk Gottes (Olten 1986)

Rotzetter, A.

Von Demut, Frieden und anderen Torheiten (Friburgo/Suíça 1990)

Seibel, W. (edit.)

Dass Gott den Schrei seines Volkes hört (Friburgo 1987)

Secretariado da Conferência Nacional dos Bispos da Alemanha (edit.),

Die Kirche Lateinamerikas. Dokumente der II. und III. Generalversammlung des Lateinamerikanischen Episkopates in Medellín und Puebla: Stimmen der Weltkirche 8 (Bonn 1979) 232-233; 243

Simpfendörfer, W.

Ansätze einer Praxis und Theologie der Befreiung für West-Europa. Referat anlässlich der Tagung der Evangelischen Akademie Tutzingen, 14-16.12.1984. Tutzingen Materialien (19/1985)

Sobrino, J.

Der Glaube an den Sohn Gottes aus der Sicht eines gekreuzigten Volkes: Concilium 18 (1982) 171-176

The Church in Revolt

The Illustrated Weekly of India, 3-9.03.1985

Torres, S.

A New Way of Being Church. Interviews and Testmonies from Latinamerica Press (Lima 1984) 35ss.

Vamos caminando

Machen wir uns auf den Weg. Glaube, Gefangenschaft und Befreiung in den peruanischen Anden (Friburgo/Suíça 1983)

Venetz, H.J./Vorgrimler, H. (edit.)

Das Lehramt der Kirche und der Schrei der Armen. Analysen zur Instruktion der Kongregation für die Glaubenslehre über einige Aspekte der Theologie der Befreiung (Münster 1985)

Waldenfels, H. (edit.)

Theologen der Dritten Welt. Elf biographische Skizzen aus Afrika, Asien und Lateinamerika (Munich 1982)

Frontispício:

São Francisco, pintura de Irmão Bernward de Canterbury, 1979

Frontispício interior:

Pintura de Frei Domingos Sávio, franciscano de Recife, Brasil

p.04: Foto: Pepi Merisio

p.08, em cima: Comício dos Sem-Terra, no Nordeste do Brasil, 1996; de: Terra, Foto: Sebastião Salgado

p.08, em baixo: gravura de Doris Cordes-Vollert

p.09: de: ITE, 88/1, Foto: D. Nein

p.10: Moisés conduz o povo através do Mar Vermelho. Fresco grego, século XV

p.13: "Carregando a Cruz em conjunto", afresco na Cúria episcopal de São Felix do Araguaia, Brasil

p.15: Encontro de CEB no Brasil. Foto: Daniel de Andrade

p.16, em cima: Cristo, visto pelo povo de Guatemala. Manuel Reanda, 1992

p.16, em baixo: "Eles vivem no coração do povo". Ilustração de Maximino Cerezo Barredo, 1982

p.17: de: Adveniat - Continente da Esperança. Afroamericanos. Foto: Gérard Klijn

P.18: Polícia militar e membros dos Sem-Terra se enfrentam no sul do Brasil durante uma manifestação. Foto: Daniel de Andrade

p.20: Francisco e Clara. Mestre da Umbria

p.21: Manifestação de solidariedade com os Sem-Terra no Brasil. Foto: Daniel de Andrade

p.22, Francisco tira suas roupas, devolvendo-as ao seu pai. Pintura a óleo de 1670, convento dos franciscanos, Santiago, Chile

p.23, Mulheres em Suriname. De: Adveniat - Kontinent der Hoffnung. Guianas. Foto: present

p.27: Afresco na sede da "Comissão da Pastoral da Terra", São Luiz, Maranhão, Brasil; de: ITE, 88/3

p.30: O lobo de Gúbio. Desenho da América Latina

p.40: "Ajudem-nos todos!" Gravura de Jacob Matrose



Salmo 126



Quando chegar o dia que a nossa vitória resplandecerá como uma luz na noite, será como um sonho.

Vamos então sorrir e cantar de alegria. E as outras nações dirão de nós: "O Senhor fez maravilhas em seu favor!"

Sim, Ele faz grandes coisas por nós; por isso somos jubilosos no meio do sofrimento.

Senhor, quebrai as algemas da humilhação e da morte, assim como fizestes na manhã gloriosa da vossa Ressurreição.

Aqueles que semeiam entre lágrimas a semente da justiça e da liberdade permiti que recolham com alegria a paz e a reconciliação.

Aqueles que saíram aos prantos como mensageiros do amor retornarão cantando de alegria, porque serão testemunhas quando o ódio será vencido no Vosso mundo pelo Vosso Amor.

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia
19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana

Próximas lições a serem publicadas

- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo
22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja